



Corpo em perspectiva: Nietzsche e o perspectivismo em Viveiros de Castro

Joana Brito de Lima Silva¹

RESUMO: O objetivo deste trabalho é construir um diálogo extemporâneo entre o perspectivismo nietzschiano e o perspectivismo ameríndio, termo cunhado por Eduardo Viveiros de Castro em torno das perspectivas de povos ameríndios acerca do humano. O perspectivismo ameríndio considera que todos os seres (humanos, espíritos e animais) são sujeitos porque possuem ponto de vista e “humanidade é o nome da forma geral do Sujeito” (VIVEIROS DE CASTRO, 2023). Todos os viventes são sujeitos e possuem alma, porém, os mundos e as perspectivas de cada agrupamento serão diferentes porque emanam do corpo – e o corpo revela a diferença entre os pontos de vista. É a partir do corpo que as perspectivas são construídas. Nesse sentido, Nietzsche também mostra que o mundo é uma ficção feita de perspectivas criadas não por uma unidade subjetiva (alma, razão), mas pela multiplicidade própria ao corpo. Assim, trata-se de colocar a noção de corpo em perspectiva: se o mundo é uma ficção de autoria fictícia é porque seus autores são também ficções, ou, mais especificamente, são criações. Nietzsche subverte a tradição metafísica ao construir uma noção de homem *inteiramente* voltada ao corpo: o corpo é a “grande razão” que *faz Eu* (ZA I, “Dos desprezadores do corpo”); através de Zarathustra, o filósofo deseja ensinar aos homens o Eu criador de sentidos telúricos e de valores voltados à terra. E será o perspectivismo de ambos os autores o ponto convergente para discutir as correlações sujeito-mundo, autoria-ficção, natureza-cultura, corpo e alma, temas a serem desenvolvidos nesta proposta de trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Perspectivismo. Corpo. Nietzsche. Viveiros de Castro.

ABSTRACT: The objective of this work is to construct an extemporaneous dialogue between Nietzschean perspectivism and Amerindian perspectivism, a term created by Eduardo Viveiros de Castro regarding the perspectives of Amerindian peoples about the humankind. Amerindian perspectivism considers all beings (humans, spirits, and animals) to be subjects because they have a point of view, and humanity is the name of the general form of the Subject (VIVEIROS DE CASTRO, 2023). All living beings are subjects and have a soul; however, the worlds and perspectives of each group will differ because they emanate from the body – and the body reveals the difference between points of view. It is from the body that perspectives are constructed. In this sense, Nietzsche also shows that the world is a fiction made of perspectives created not by a subjective unity (soul, reason), but by the multiplicity inherent to the body. Thus, the notion of the body is put into perspective: if the world is a fiction of fictitious authorship, it is because its authors are also fictions, or, more specifically, creations. Nietzsche subverts the metaphysical tradition by constructing a notion of man *entirely* focused on the body: the body is the “great reason” that makes the Self (ZA I, “On the Despisers of the Body”). Through Zarathustra, the

1 Doutora em Sociologia (PPGCS-UFJF), pós-doutoranda em Filosofia pelo PPGF-PUCPR. Filiada ao Grupo de pesquisa Fenomenologia e Existencialismo (CNPq/UFJF). E-mail: limbrit@hotmail.com. Endereço: Rua José Lourenço Kelmer, s/n - Bairro São Pedro, Juiz de Fora - MG. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4686-2792>.

philosopher seeks to teach men the Self that creates telluric meanings and values oriented towards the *ground*. It is the perspectivism of both authors that will serve as the convergent point for discussing correlations between subject-world, authorship-fiction, nature-culture, and body and soul, which are the themes to be developed in this work proposal.

KEYWORDS: Perspectivism. Body. Nietzsche. Viveiros de Castro

INTRODUÇÃO

O diálogo extemporâneo entre o perspectivismo do filósofo Friedrich Nietzsche e o perspectivismo ameríndio, termo cunhado na antropologia de Eduardo Viveiros de Castro, é o tema a ser discutido aqui; para tanto, pretende-se desenvolver três tópicos pontuais e interligados: o primeiro é a definição de multinaturalismo, noção através da qual o antropólogo questiona a dualidade natureza e cultura; o segundo tópico é a corporeidade vista pelos dois autores, sobretudo ao colocarem sob suspeita a tradicional divisão corpo e alma; e, por fim, associando esses dois pontos anteriores, trata-se de pensar os perspectivismos ameríndio e nietzschiano relacionados à concepção de sujeito múltiplo, na medida em que ambos ampliam o campo de visão e as perspectivas sobre o mundo e acerca do Eu, feito de corpo e de criações fictícias.

1 MULTINATURALISMO E SUBJETIVIDADE

A visada multinaturalista, de acordo com o antropólogo contemporâneo Viveiros de Castro, subverte a preponderância do cultural no binômio natureza-cultura; o autor parte da ideia de que o termo “cultura” se refere à capacidade de possuir e construir pontos de vista; e esta aptidão é igualmente partilhada por todos os seres; a cultura é um atributo universalizante, vinculado à unidade entre os seres existentes. Por outro lado, a natureza é a multiplicidade que se expressa sob diferentes formas, realizando-se em corpos diversos. Nesse sentido, não há natureza unitária, fundada em especificidades biológicas das espécies, e sim uma diversidade que abrange todas as formas de vida. Assim, no multinaturalismo o corpo não possui uma natureza fixa, pois ele é o lugar da diferença: nenhum corpo nasce pronto, todos são construídos nas relações sociais.

Para falar em multinaturalismo, o antropólogo parte da forma pela qual as culturas ameríndias, Yanomami e outros povos amazônicos, estabelecem as suas visões de mundo; assim, a “concepção ameríndia [supõe] uma unidade do espírito e uma diversidade dos corpos. A cultura ou o sujeito seriam a forma do universal; a natureza ou objeto, a forma do particular” (VIVEIROS DE CASTRO, 2020, p. 303). Este é o perspectivismo ameríndio, um modo de ver e pensar o mundo segundo o qual todos os seres possuem cultura, enquanto capacidade de criar mundos próprios; nessa perspectiva, a unidade entre as espécies está cravada na cultura, definida pela habilidade de emitir pontos de vista; porém, cada espécie se realiza através de diversas naturezas, originadas em seus corpos específicos.

No perspectivismo ameríndio todos os seres são chamados de humanos, mas isso não implica em pertencer à humanidade enquanto espécie (VIVEIROS DE CASTRO, 2020, p. 323). Ser humano é “condição social de pessoa”, é uma “posição de sujeito” (VIVEIROS DE CASTRO, 2020, p. 322) e, como tal, é própria a diversos tipos de “gente”, na medida em que todos possuem pontos de vista. Dizer “gente” ou “pessoas” é registrar “o ponto de vista do sujeito que está falando” (VIVEIROS DE CASTRO, 2020, p. 323); de acordo com o antropólogo, os povos ameríndios associam a condição de humano a todos os seres vivos capazes de ocupar, emitir e expressar um ponto de vista. Noutros termos, dizer que todos são humanos “é atribuir aos não humanos as capacidades de intencionalidade consciente e de agência que facultam a ocupação da posição enunciativa de sujeito [...]”. É sujeito quem tem alma, e tem alma quem é capaz de um ponto de vista” (VIVEIROS DE CASTRO, 2020, p. 323). Os ameríndios ampliam a dimensão do que é sujeito e, conseqüentemente, ampliam a noção de mundo, na medida em que todas as “subjetividades ameríndias” são “categorias perspectivas” (VIVEIROS DE CASTRO, 2020, p. 323). Nas palavras do autor, “o perspectivismo ameríndio procede segundo o princípio de que *o ponto de vista cria o sujeito*; será sujeito quem se encontrar ativado ou ‘agenciado’ pelo ponto de vista” (VIVEIROS DE CASTRO, 2020, p. 323; grifos do autor).

Assim, diferentes corpos criam perspectivas diversas, conflitantes, divergentes, para interpretar a vida e o mundo onde habitam; são interpretações e visões de mundo múltiplas que evidenciam a ausência de uma noção centralizadora de sujeito; afinal, no perspectivismo ameríndio, é sujeito quem tem ponto de vista e interpreta o mundo. Nota-se, nesse aspecto, conforme afirma Oswaldo Giacoia, que “a interpretação não tem sujeito, ou, o que talvez seja mais correto, a dinâmica das interpretações é, ela própria, sujeito” (GIACOIA, 2023, p. 37); os vários corpos é que geram a multiplicidade de sujeitos e pontos de visão – esta é a imbricação entre multinaturalismo e perspectivismo: as muitas naturezas de todos os corpos existentes criam múltiplas perspectivas.

O ponto de vista está no corpo: ver em perspectiva é assumir uma forma de olhar o mundo; cada espécie possui olhos específicos, que olham conforme a corporeidade em que se realiza. E o corpo é uma grande razão, multiplicidade atravessada de forças e impulsos diversos. É nesse ponto de encontro entre a ampliação da subjetividade e a dinâmica do perspectivismo ameríndio que se torna possível o diálogo de Viveiros de Castro e Nietzsche; o filósofo desconstrói a ideia de sujeito enquanto centro a partir do qual se originariam as visões de mundo, e propõe uma noção de corpo (e corporeidade) que ultrapassa as dualidades alma-corpo, sujeito-objeto, coisa-em-si e representações.

2 CORPO E PERSPECTIVISMOS

No discurso “Dos desprezadores do corpo”, em *Assim falou Zaratustra*, Nietzsche afirma: “O corpo é uma grande razão, uma multiplicidade com um único sentido [...]. Instrumento de teu corpo é, também, a tua pequena razão [...]. ‘Eu’, dizes; [...] Mas ainda maior [...] é teu corpo e sua grande razão: esta não diz eu, mas faz o eu” (ZA I, Dos desprezadores do corpo).

Eu é feito da grande razão que é o corpo, e não é a consciência que o comanda. A consciência, *pequena razão*, só pode se manifestar corporalmente em meio às forças da vontade de poder. Se não há um sujeito-substância-unidade, não há uma visão unitária resultante do ato de pensar e conhecer; há perspectivas que disputam entre si na medida em que são confrontadas no próprio processo intersubjetivo, não mais focado no sujeito-unidade racional, mas no *Eu* plural e dinâmico, a partir do qual se formam as perspectivas, que emanam do corpo em suas diferentes formas de expressão.

É o que também afirma a antropologia de Viveiros de Castro; o corpo, na perspectiva ameríndia, além de ser o lugar onde são construídas as perspectivas, ele não é uma unidade fixa; o corpo não nasce pronto ou pré-determinado; ele é uma fabricação contínua: cada ser se tornará quem é após incorporar atributos específicos, e é esse maneirismo corporal que permite colocar a noção de *Eu* em perspectiva. De acordo com o antropólogo, “o corpo humano necessita ser submetido a processos intencionais e periódicos de fabricação [...]. Tal fabricação é concebida também como um ‘mudar o corpo’, [através de] um conjunto de intervenções sobre as substâncias que conectam o corpo ao mundo” (VIVEIROS DE CASTRO, 2020, p. 63). A ideia de construção contínua da corporeidade permite abandonar a crença de que o corpo é um dado natural; este é o passo dado pelo multinaturalismo em vista de superar a associação entre natureza e unidade universal da espécie humana, rejeitando o pressuposto de que haveria um modelo de corpo humano natural, uma essência prévia, imutável. Desse modo, os perspectivismos ameríndio e nietzschiano deslocam o foco para as diversas formas de expressão do corpo.

E os corpos são múltiplos. São criações – ou: ficções. De fato, dizer que o corpo faz o *Eu* expressa também a relação entre autoria e ficção explorada por Nietzsche em *Além de bem e mal*, quando o filósofo indaga: “Por que não poderia o mundo *que nos concerne* – ser uma ficção? E a quem faz a pergunta: ‘mas a ficção não requer um autor?’ – não se poderia replicar: Por quê? Esse ‘requer’ não pertenceria também à ficção?” (BM 34). Nota-se então que o perspectivismo abre um novo horizonte epistemológico vinculado à corporeidade, ao *Eu*-múltiplo e ao mundo enquanto ficção sem autoria. E mais: assim como não há uma natureza universal oculta sob culturas particulares, não há mundo verdadeiro escondido sob diversas representações. Há mundos vários, fictícios, criados através dos diversos pontos de vista existentes. E eles são diferentes porque expressam a diferença própria de cada ponto de vista e perspectiva formada no corpo.

Perspectivismo implica em admitir a diversidade relacionada aos muitos corpos existentes, porém, não se trata de relativismo ou subjetivismo, justamente porque é possível colocar em confronto as perspectivas: elas são relacionais, não relativas. Desse modo, o perspectivismo de Nietzsche não se fecha sobre uma única visada: “É indébita a imputação a Friedrich Nietzsche da condição de precursor de um relativismo que implica na perfeita equivalência de todas as opiniões e pontos de vista” (GIACCOIA, 2023, p. 48). O caráter de abertura do perspectivismo permite pensar a particularidade corpórea forjada pelas várias

culturas, através da própria diversidade dos modelos corporais-valorativos criados pelas diferentes sociedades.

E o alvo do perspectivismo não é provar qual perspectiva é mais verdadeira e sim mostrar que não há uma visão de mundo unificadora, um sujeito centralizado, tampouco haveria mundo das ideias e das essências, de onde brotariam as representações; consequentemente, não há verdade absoluta, universal, desencarnada, acessível apenas ao “puro sujeito do conhecimento”, destituído de vontade, desejos e carnalidade. Não há este olhar de fora, situado fora do nosso mundo, um olho absoluto, a partir do qual a verdade seria vista. Há diversos olhos e olhares que criam suas visões de mundo a partir do ponto em que se situam no mundo. Em suma, os perspectivismos ameríndio e nietzschiano retiram o solo sobre o qual se apoiava a crença num mundo verdadeiro oculto pelas representações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme visto, a ausência de verdade absoluta evocada pelos perspectivismos ameríndio e nietzschiano não implica em relativismo e nem em equivalência dos pontos de vista. O que está em questão é ampliar as perspectivas. A ampliação de pontos de vista é retratada por Viveiros de Castro numa emblemática afirmação, referindo-se ao confronto de perspectivas de um yanomami que caça um jaguar: “o que chamamos ‘sangue’ é a ‘cerveja’ do jaguar” (VIVEIROS DE CASTRO, 2020, p. 313); é um caso exemplar de deslocamento de perspectiva: na visão do caçador-ameríndio o sangue de sua presa é apenas sangue; da perspectiva do jaguar, quando ele consegue atacar um humano, o sangue de sua presa é o aperitivo a ser apreciado após um dia de trabalho. Parafraseando o antropólogo, as coisas vistas são outras e elas variam conforme o ponto de vista. E a grande contribuição de ambos os perspectivismos é notadamente a capacidade e a coragem de abandonar a crença metafísica nas coisas em si mesmas, pois não há uma essência unívoca e verdadeira escondida atrás das aparências do mundo.

O olhar perspectivista revela pontos de vista diversificados porque, ao contrário de ser unidade, o corpo será a grande razão que possibilita o Eu-múltiplo; o corpo ocupa um ponto de vista e as perspectivas emanam do corpo. Pensar o corpo em perspectiva significa pensá-lo em sua abertura à pluralidade e à multiplicidade, ampliando as noções de sujeito e de subjetividade, na medida em que há inúmeros estímulos que fazem o Eu. É o que afirma Nietzsche em *Genealogia da Moral*, chamando atenção para que os filósofos abandonem a crença no sujeito feito de racionalidade, separado de seu próprio corpo e da mundanidade circundante:

[...] guardemo-nos dos tentáculos de conceitos contraditórios como ‘razão pura’, ‘espiritualidade absoluta’, ‘conhecimento em si’; - tudo isso pede que se imagine um olho que não pode absolutamente ser imaginado, um olho voltado para nenhuma direção, no qual as forças ativas e interpretativas, as que fazem com que se veja algo, devem

estar imobilizadas, ausentes; exige-se do olho, portanto, algo absurdo e sem sentido (NIETZSCHE, 2002, p. 109; GM, III, §12).

Nietzsche nos mostra que “Existe *apenas* uma visão perspectiva, apenas um ‘conhecer’ perspectivo” (NIETZSCHE, 2002, p. 109; GM, III, §12). É uma resposta à pretensão de unidade subjetiva e de mundo verdadeiro. Em contraponto ao olhar uno do sujeito, destituído de corporeidade, Nietzsche propõe: “*quanto mais* olhos, diferentes olhos, soubermos utilizar para essa coisa, tanto mais completo será nosso ‘conceito’ dela, nossa ‘objetividade’” (NIETZSCHE, 2002, p. 109; GM, III, §12). Trata-se de perceber que a multiplicidade de olhos e olhares aumenta o conhecimento do mundo enquanto vontade de poder, feito de infinitas interpretações e perspectivas.

Nesse sentido, os perspectivismos ameríndio e nietzschiano afirmam a importância do olhar para conhecer o mundo sem distanciamento e sem anulação dos afetos e afecções que movem os *diferentes olhos* e seus múltiplos olhares. A carnalidade do corpo e do mundo fazem as diversas perspectivas; elas se formam a partir dos olhos porque estão enraizadas no corpo, nos diferentes corpos que constroem visões de mundo múltiplas e não unitárias. Afinal, não existe um único olho no mundo, ou olhos sem corpos, flutuando, no cosmo; assim, valorizar a visão perspectivista de cada olhar torna o horizonte verdadeiramente infinito.

REFERÊNCIAS

- GIACIOIA JR, Oswaldo. “O perspectivismo em Nietzsche: para um novo conceito de objetividade”. In: GIACIOIA; OLIVEIRA; PASCHOAL. *Sala de espelhos: Nietzsche e o perspectivismo*. Curitiba: Kotter, 2023.
- GIACIOIA JR, Oswaldo. *O leitor de Nietzsche*. SP: SKU, 2022.
- GIACIOIA JR, Oswaldo. *Perspectivismo e interculturalidade*. São Paulo: n-1 edições, 2025
- NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. (Trad. Mário da Silva) Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005a.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- NIETZSCHE, Friedrich. “Prólogo de Zaratustra” in. *Obras Escolhidas*. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Os Pensadores)
- NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia ciência*. Trad. P. César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral: uma polêmica*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Sabedoria para depois de amanhã* (ref. Fragmento Póstumo 185, nov-1882/fev-1883). Tradução Karina Jannini. São Paulo: Martins Fontes, 2005b.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005c.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. “Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio”. *Revista Mana* (2)2, pp. 115-144. UFRJ, 1996.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia*. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Metafísicas canibais: elementos para uma antropologia pós-estrutural*. São Paulo: Ubu Editora, n-1 edições, 2018.

Artigo Submetido em 11/09/2025 e aprovado em 18/09/2025

Breves informações sobre o autor: Doutora em Sociologia (PPGCS-UFJF), pós-doutoranda em Filosofia pelo PPGF-PUCPR. Filiada ao Grupo de pesquisa Fenomenologia e Existencialismo (CNPq/UFJF).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4686-2792>

E-mail: limbrit@hotmail.com

Endereço: Rua José Lourenço Kelmer, s/n - Bairro São Pedro, Juiz de Fora - MG

Editor: Dr. Geraldo Luiz De Mori

Avaliadores: Alessandro Santana Mendes, Samuel José de Almeida